

NARRATIVAS DE EGRESSOS DO CURSO DE ARTES VISUAIS DO IFCE: OS IMPACTOS DA FORMAÇÃO ACADÊMICA DE ARTISTAS NO MERCADO DE TRABALHO EM FORTALEZA

Gilberto Andrade Machado
gilmach@ifce.edu.br
Instituto Federal do Ceará - IFCE

Resumo

Pesquisa educacional com ênfase nos fenômenos profissionais percebidos pelos egressos do curso de artes visuais do IFCE. Estudo qualitativo voltado para sujeitos e fenômenos heterogêneos de uma cultura visual que intenta entre outros objetivos identificar o tipo de instituições e áreas em que atuam os egressos de artes visuais do IFCE em Fortaleza e, sobretudo como estes percebem a contribuição das práticas acadêmicas em sua trajetória profissional.

Palavras-chaves: artes visuais, formação inicial, práticas profissionais.

Abstract

Educational research with emphasis on phenomena professionals perceived by students who graduated from the visual arts IFCE. This qualitative study focused on subjects and heterogeneous phenomena of a visual culture that tries among other objectives to identify the type of institution and the graduates who work in the visual arts of IFCE in Fortaleza, and especially how they perceive the contribution of academic practices in its path professional.

Keywords: visual arts, training, professional practices.

O Curso de Artes Visuais do IFCE

O Curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE foi criado em 2001, inicialmente como curso superior de tecnologia que sob recomendações do MEC foi modificado para licenciatura em 2008. Atualmente os dois cursos funcionam concomitantes, graduaram-se dez turmas de tecnólogos e embora, muitos alunos tenham migrado para a licenciatura ainda há uma turma de tecnólogos finalizando o curso.

Uma das questões pouco discutidas na formação do artista visual do IFCE, diz respeito ao mercado de trabalho. Até então, não havia na Cidade um universo de sujeitos com perfil de graduado na área de artes visuais nem parâmetros para elaborar e empreender mecanismos de consulta. Ainda que a docência em artes visuais se constitua num mercado emergente e necessário ao cumprimento da atual LDB, outras formas de atuação profissional desse artista têm comprovado a existência de vários nichos pouco explorados ou divulgados em Fortaleza.

Se considerarmos a assertiva de Bourriaud (2002) que o artista contemporâneo habita todas as formas de arte e que ele é permanentemente um intruso em outros campos, é preciso repensarmos o que seria então, um mercado de trabalho para artistas visuais. Durante algum tempo acreditou-se na falta de oportunidades mais promissoras para o desenvolvimento de talentos até então estimulados durante a graduação. Mas, onde estariam essas oportunidades? Nas agências de publicidade e propaganda? Nos ateliês coletivos? Em ações educativas do terceiro setor? Nos cursos de pós-graduação?

Existe uma nebulosa em torno dos espaços de atuação de artistas que atuam profissionalmente em Fortaleza. Ainda que os primeiros alunos tenham sido preparados para desenvolver uma produção artística própria, como expor e vender suas obras em galerias, mostras coletivas ou individuais, poucos enveredaram por esse caminho. Não são muitos os que se arriscam nos editais públicos ou salões promovidos pela prefeitura municipal.

O mercado editorial de Fortaleza tem sido um bom campo para os artistas visuais e tem se mostrado cada dia mais profícuo e heterogêneo, habitado por diferentes sujeitos que se utilizam da manipulação mecânica e eletrônica de imagens. Aparentemente leva vantagem quem alia prática e esforço, domina várias linguagens artísticas e diversifica seu trabalho. Ilustrar, fotografar, compor são atividades que requerem acompanhamento das novidades tecnológicas e sua aplicação em projetos institucionais e empresariais.

O mercado de artes visuais está mais abrangente, com o aumento das possibilidades de trabalho em setores voltados à arte digital. Isso inclui criação para publicidade e conteúdos para TV. Também as leis de incentivo à cultura abriram oportunidades de empregos em museus e nas fundações culturais, públicas e privadas. Muitas delas têm como mantenedores grandes corporações e bancos, o que viabiliza recursos para contratação de curadores, monitores, coordenadores, organizadores de eventos, educadores e outros especialistas com formação em Artes Visuais para trabalhos fixos ou temporários. Mas, será que os candidatos que enfrentam o desgaste dos exames vestibulares têm consciência dessa realidade, ou são movidos apenas por um sentimento român-

tico de arte? O que impulsiona os jovens de hoje, a despeito de todas as descrenças do mercado pleitear vagas nos cursos de artes visuais das universidades?

Exceto alguns alunos que ainda mantêm contato com os colegas remanescentes do curso de Artes Visuais do IFCE, pouco se conhece dos egressos e de suas formas de atuação. Para onde migram os artistas depois de formados? Como os estágios ajudaram na orientação de atividades profissionais? Onde trabalham? Reconhecem-se como artistas? Que atividades desenvolvem? Como sobrevivem? De que formas se integram às oportunidades de trabalho? Buscam outra graduação? Inserem-se em programas de pós-graduação? Como o curso de artes visuais do IFCE pode melhor direcionar sua atuação acadêmica diante de um mercado tão heterogêneo? A falta de respostas mais contundentes e objetivas para tais questionamentos animam o andamento desta pesquisa.

As licenciaturas de Teatro e Artes Visuais criadas no IFCE têm trajetória muito peculiar. Elas não se desenvolveram num contexto humanista e sociológico como aconteceu em algumas universidades; nem se associaram a uma área de tecnologia para garantir espaço e recursos. Essa autonomia permitiu uma ênfase na formação do artista-pesquisador que ainda prevalece nas práticas pedagógicas cotidianas. Portanto, a formação do artista-professor e das discussões do trabalho educativo e seus contextos levam em conta essas experiências anteriores no sentido de não gerar dicotomias, mas sim, integração no processo de formação do artista.

Um estudo sobre egressos

A revisão inicial de literatura aponta alguns estudos sobre egressos que enfatizam de forma sistemática o impacto das ações institucionais sobre a formação de profissionais e as exigências do mercado de trabalho. Alguns desses estudos são do tipo quantitativo, uma vez que analisam diferentes perfis dentro de um universo numérico muito extenso. Também associam moderações da pesquisa qualitativa para interpretar dados estatísticos. Um exemplo é a Pesquisa Nacional de Egressos dos Cursos Técnicos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica - EPT (2003-2007) que tinha por objetivo analisar a formação técnica de nível médio ofertada pelas instituições da Rede Federal de EPT sob três aspectos convergentes: a empregabilidade dos egressos, a continuidade de estudos após a conclusão do curso e a avaliação da formação técnica recebida (PATRÃO & FERES, 2009).

Pesquisas como a de Gambardella (2000) sobre os egressos de um curso de nutrição da USP, detectou a necessidade de estimular a educação continuada do profissional de nutrição após identificar a abrangência profissional maior do que a ofertada no curso de formação generalista. O estudo

de Gonzalez & Pimenta (2000) sobre a eficácia de cursos de moda e beleza do sistema SENAC, em relação a sua capacidade de favorecer o ingresso e/ou permanência do ex-aluno no mercado de trabalho aponta em suas discussões necessidades de modificações desses cursos.

A Comissão Própria de Avaliação da Universidade de Brasília - UnB realizou estudo dos egressos do Curso de Ciências Contábeis Diurno entre 1993 e 2002. Esta pesquisa inseriu não apenas aqueles que conseguiram se diplomar, mas também aqueles que abandonaram a universidade; identificando o que seria responsabilidade institucional e organizando intervenções planejadas e pontuais. (MACARIO et alli, 2007).

Poucos estudos sobre egressos de arte foram concluídos. Em geral, estão inseridos em programas de avaliação institucional e pouco se pode inferir numa leitura mais acurada sobre eles. Alguns sites de universidades privadas do sul e do sudeste têm páginas que dedicam atenção aos egressos, incluindo questionários. Historicamente essas regiões concentraram um desenvolvimento econômico que permitiu um avanço do setor privado no ensino de arte. Araújo (2009) suspeita da qualidade dos cursos de formação docente em artes na década de 1970 e questiona o descompromisso com a qualidade do ensino e da pesquisa em artes na grande maioria das instituições privadas, revelando uma desigualdade na distribuição territorial dos cursos de artes no país.

Observa-se que este tipo de pesquisa indica movimentos sócio-formativos e pedagógicos que questionam a zona de conforto dos projetos político-pedagógicos dos cursos e das instituições que os abrigam. Portanto, propor e encaminhar estratégias para melhorar um curso de graduação em artes, implica não só na discussão das políticas públicas sobre ensino de arte e da formação de artistas. Mas, sobretudo, rever a atuação dos professores na formação inicial de artistas.

Ao discutir a universidade e a vida atual Ribeiro (2003) questiona as promessas de segurança e de certeza quanto ao futuro do mercado de trabalho dadas pelas instituições de ensino. Esse mercado nunca foi tão imprevisível como o de agora. As histórias de sucesso profissional até então tidas como orientadora da formação profissional de jovens eram pautadas na educação de sentimentos pelo temor, na fidelização e na aceitação da posição do trabalhador numa empresa, pouca inovação tecnológica, muitos elogios e pouca disputa por salários. Isso talvez funcionasse com carreiras tradicionais, porém, as histórias de sucesso de artistas; (independente da linguagem em que atuem: teatro, cinema, música, artes visuais, etc); a partir da segunda metade do século XX; tem a ver com uma produtividade contínua que articulada pelos meios de comunicação de massa convertem-se em algum retorno financeiro e reconhecimento público.

Em Fortaleza, a discussão sobre o mercado de trabalho em artes visuais ganha alguma visibilidade a partir da segunda metade da década de 1990, quando as diretrizes de um novo momento econômico foram se desenvolvendo no país, criando postos de trabalho para indivíduos autônomos que atendiam as demandas de um consumo emergente cada dia mais especializado. A expansão imobiliária ampliou o campo de decoração de interiores que por sua vez, infiltrava desenhos, pinturas e gravuras de artistas locais em seus projetos.

Os cursos de designer (de objetos, de moda, de móveis, gráficos, etc) surgiam como uma resposta à imbricação entre as artes visuais e a indústria de consumo que de um modo geral buscava alternativas estéticas para atender a comercialização de bens e serviços.

Esse momento econômico foi marcado pela institucionalização do ensino formal em artes visuais e pela atenção que se deu à qualificação de alguns artesãos integrando-os aos circuitos da indústria turística. Desse modo, diferentes tipos de público se inseriram numa cultura visual articulada por várias expressões artísticas até então isoladas pela ausência de equipamentos e políticas públicas.

A formação inicial do artista visual no IFCE pressupunha um indivíduo que usasse diferentes linguagens visuais como representação e criação simbólica das culturas, propiciando a reflexão sobre identidade, arte/tecnologia e sociedade. A produção e leitura de linguagens plástico/visuais (bidimensionais e multidimensionais) foram encorajadas; tanto as poéticas tradicionais como as contemporâneas; utilizando-se da manipulação mecânica e eletrônica (multimeios e imagem virtual) (MACHADO, 2008). Mas, de que forma esses conhecimentos se efetivaram na prática profissional dos artistas?

Uma vez que a profissão de artista visual não é regulamentada, é difícil falar em categoria e menos ainda em conquistas salariais. Muitos artistas sobrevivem na informalidade institucional, isto é, são contratados para uma função e desempenham outra. Já não se cumpre o vaticínio de Lagnado (2004) sobre a profissionalização do artista que afirmava "lecionar ainda ser a saída mais honrosa para quem não consegue se sustentar da venda de seu trabalho". Nesse caso a licenciatura em artes visuais seria uma formação compulsória para artistas que desejam um diploma universitário?

Ao discutir as problemáticas da formação do artista no Brasil, Honorato (2008) comenta que apesar das exigências de sistematização da formação e das amarras burocráticas e administrativas da universidade, cada vez mais, é nela que se dá a formação do artista contemporâneo.

A tese de Ribeiro (2003) é que a academia não deve sacrificar o que ela tem de melhor: o espaço de liberdade, criação e cultura, para tentar se ajustar a um mercado de trabalho cada dia mais provisório e obsoleto. Para o autor as empresas estão se tornando novas escolas que ensinam

rotinas e procedimentos, e como estas são mais afetadas pelas mudanças tecnológicas, são elas também que apontam um tipo de profissional desejado.

Pressupõe-se que o espírito de inquietação estimulado na formação do artista visual deveria prepará-lo não só para a pesquisa, mas também para o inesperado como a conversão de saberes de outras áreas e o desenvolvimento de novas competências. Não se trata de discutir as noções de competência como ordenadora das relações de trabalho, mas questioná-las como ordenadora das relações educativas; isto é, o corpo de conteúdos disciplinares com o qual se efetuam escolhas para cobrir conhecimentos considerados importantes, precisa de situações concretas para validá-los (RAMOS, 2001). Portanto, qualquer sugestão para pontuar limites ou propor expansões de contornos da atuação acadêmica na formação inicial do artista visual no IFCE, prescinde do conhecimento acurado da realidade onde atuam esses profissionais.

Metodologia e Objetivos

Este estudo qualifica-se como uma pesquisa educacional com ênfase nos fenômenos profissionais percebidos pelos egressos do curso de artes visuais do IFCE graduados entre 2005/II e 2010/I. Portanto, é uma pesquisa qualitativa, uma vez que está voltada para sujeitos e os fenômenos heterogêneos de uma cultura visual. Para Hernandez (2000) a cultura visual cumpre a função de manufaturar as experiências dos seres humanos mediante a produção de significados visuais, sonoros, estéticos que contribuem para a construção da consciência individual e social.

Essa consciência é provocada pelo modo como o indivíduo constrói referências para as aprendizagens acadêmicas que o habilitaram a atuação profissional. Ao descrever a si próprio e as situações pelas quais passou, elabora narrativas de aprendizagem que segundo Josso (2004) deixam traços de sua trajetória num mundo de movimentos, mudanças e inconstâncias. Desse modo, ao avaliar o processo de formação inicial de artistas visuais egressos do IFCE implica entre outros fatores investigar a vida profissional destes. Para este estudo consideram-se egressos apenas aqueles que concluíram o curso, excluem-se aqueles que saíram sem diploma por desligamento ou abandono.

Como estratégia inicial organizou-se seminários com ex-alunos convidados para falar sobre mercado de trabalho e trajetória profissional. Para tanto, foram constituídas algumas mesas redondas que discutiram dentre outros temas: políticas de editais nos circuitos de arte; o mercado de ilustração e de quadrinhos; arte/educação no terceiro setor; recursos artísticos em contextos terapêuticos; experiências de mediação entre arte e público. O registro desses eventos faz parte

da coleta inicial de dados desta pesquisa. Estão previstos ainda a aplicação de questionários que agreguem aspectos do perfil socioeconômico, informações acadêmicas, informações profissionais e a avaliação do curso.

Para esse universo inicial, dez turmas de graduados (em média cem alunos), está acontecendo uma chamada via internet para aqueles interessados em participar da pesquisa, a estes serão aplicados inicialmente um questionário via internet abordando as informações já citadas.

Da coleta inicial desses instrumentos será definido o desenho amostral para entrevistas. Esta última tem por objetivo aprofundar informações do questionário e registrar falas para a elaboração das narrativas profissionais.

Expectativas

O esclarecimento de tais questões poderá contribuir de forma positiva na reorganização do curso de artes visuais do IFCE; na revisão das matrizes curriculares; na definição de estágios profissionais e, sobretudo como essas questões podem ser viabilizadas na modalidade de licenciatura.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Anna Rita Ferreira de. *Os cursos superiores de formação de professores de artes visuais no Brasil. Percursos históricos e desigualdades geográficas*. Anais do 18º Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil. Crato, URCA, 2008.

BOURRIAUD, Nicolas. O que é um artista hoje? In: FERREIRA, Glória & VENANCIO FILHO, Paulo. (org.) *Arte & Ensaios*.n.10. Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/EBA, UFRJ, 2003.

GAMBARDELLA, Ana Maria Dionezi et alli. *Situação profissional de egressos de um curso de nutrição*. Revista Nutrição. Campinas, 13(1): 37-40. jan./abr.,2000.

GONZALEZ, W. & PIMENTA, S.R. *Acompanhamento de egressos dos cursos de qualificação e habilitação das áreas administração, moda e beleza e turismo e hotelaria do sistema SENAC*. Centro de Análises, Estudos e Pesquisas – CAEP, do Departamento Nacional do SENAC, 2000.

JOSSO, M.C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

HERNANDEZ, F. *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000.

HONORATO, Cayo. A formação do artista no Brasil: uma problemática em formação. Anais do 17º Encontro da anpap, 2008. Disponível em www.anpap.org.br.

LAGNADO, Lisette. *Arte e universidade: uma relação conflituosa?* In: Revista Trópico. Disponível em <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2379,1.shl>.

MACÁRIO, Nilza M. et alli. *Estudo de egressos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco: impactos no sistema educacional do Município de Resende, RJ.,2007*.

MACHADO, Gilberto A. *A trajetória do curso de artes plásticas do CEFETCE: antecedentes e perspectivas*. Anais do 18º Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil. Crato, URCA, 2008.

PATRÃO, C. N. & FERES, M.M. *Pesquisa nacional de egressos dos cursos técnicos da rede federal de educação profissional e tecnológica (2003-2007)*. Natal: IFRN, 2009.

RIBEIRO, Renato J. *A universidade e a vida atual*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

UnB, Universidade de Brasília. *Relatório da Pesquisa sobre Egressos do Curso de Ciências Contábeis Diurno entre 1993 e 2002*. Comissão de Avaliação Institucional. SPL/Secretaria de Planejamento, 2005.

Mini-currículo

Gilberto Andrade Machado é professor do curso de Licenciatura em Artes Visuais do IFCE – Campus Fortaleza. Doutor em Educação, coordena o IRIS - Grupo de estudos da formação de professores de artes visuais. Esta pesquisa conta com o apoio do Programa de Apoio a Produtividade em Pesquisa ProAPP/IFCE Edital 01/2010.